

cumprimento do conteúdo previsto no planejamento, esse professor fica entre a cruz e a espada. Ou ele conclui o conteúdo e passa para o próximo, para não ficar “atrasado”, ou ele volta e reconstrói algumas atividades, de modo a desenvolver as competências.

Outra característica que a escola deve mudar urgentemente é forma de organização dos conteúdos. Ela define o que é conteúdo do primeiro bimestre, do segundo, do terceiro, etc. Geralmente, aquilo que se estuda ao longo do primeiro bimestre não é revisto durante o resto do ano. Alguns professores dizem ao aluno, em agosto, “isso eu já dei lá em março; não lembra não? Já foi dado”. Parece que a escola trata o conteúdo como as águas de um rio, tendo como lema aquela expressão que diz: “ninguém se banha duas vezes

**“Para termos trabalhadores que não errem, eles precisam ter tido uma aprendizagem bem construída e bastante coerente. E onde isso acontece? É na escola”**



Foto: sxc.hu

no mesmo rio”, porque a água já passou e nunca mais passará por ali.

#### EP – O que você sugere?

JF – A escola deveria tratar o conteúdo imaginando a ideia, embora pareça absurda, de ter um rio circular, por onde a água passa uma vez e retorna ao mesmo ponto mais tarde. Não será a mesma água, porque ela vai se diluir e se misturar, mas ela vai passar por ali de novo. Isso significa que a escola deve se organizar com conteúdos que retornem nos bimestres subsequentes, pois eles estarão presentes no desenvolvimento de outras competências.

Numa escola que se organiza por competência, o que manda é a competência, não a sequência do planejamento. Se um professor de geografia vai ensinar cartografia no primeiro bimestre, ele deve conversar com o professor de matemática para saber em qual semestre os alunos terão números decimais. Se o professor de matemática se planejou para ensinar números decimais apenas no terceiro bimestre, o professor de geografia pode pedir que o conteúdo matemática seja antecipado, para que os alunos consi-

gam fazer a leitura da escala do mapa e sejam capazes de manejar as vírgulas.

Para isso, os conteúdos devem ser organizados em torno das competências e existir um relacionamento horizontal e vertical entre os professores. É uma mudança estrutural. Não basta anunciar que vai trabalhar com foco nas competências, pois existem custos relacionados a essa reestruturação.

#### EP – A ausência de alunos competentes pode ocasionar um colapso no mercado de trabalho?

JF – Já estamos sofrendo um apagão tecnológico. Faltam cientistas. E isso acontece em decorrência da maneira como a escola aborda o cálculo; também está ligada ao ensino da matemática e à formação de professores, assim como o esvaziamento dos

cursos de licenciatura em matemática e o modo como essa disciplina aparece no imaginário popular: um bicho-papão, uma coisa difícil. Se sairmos agora por essa feira (Saber) e entrevistarmos todas as pessoas, perguntando qual a maior dificuldade que elas tiveram na escola, sem medo de errar, eu afirmo que a matemática está em primeiro lugar. Só vamos construir um país desenvolvido quando enxergarmos esse problema em suas raízes. Precisamos desenvolver estratégias para mudar a visão que as pessoas têm de um conteúdo tão importante.

Quando se fala em competências na escola, não se deve confundir com as competências do mercado de trabalho. A competência do mundo do trabalho é a da eficácia. Ou seja, o competente é aquele que dá resultado e que resolve o problema, não importando o caminho tomado para chegar lá. As empresas recompensam aqueles que são competentes, seguindo os seus critérios de competência. Na escola, o conceito de competência vai muito além da eficácia. Enquanto nas empresas basta resolver o problema, a escola quer saber como o problema

foi resolvido. E a escola não pode abrir mão desse processo, por ser um espaço de construção de caminhos para a competência. Um aluno deve aprender a solucionar o mesmo problema de diversas formas. Se houver 20 caminhos diferentes ele deve testar as 20 opções, para que ao sair de lá e entrar no mundo do trabalho, esteja em condições de apresentar o resultado que o mundo do trabalho exige. As pessoas que conseguem desenvolver mais competências têm a oportunidade de ser mais seletivas em relação às vagas de emprego.

#### EP – Mas nesse caminho de construção das competências existem muitos erros. Como trabalhar essa questão?

JF – Punir o aluno por causa do erro é um grande engano. No mundo do trabalho, o erro é excludente. Até porque se lida com coisas tangíveis, materiais. Numa fábrica de televisão não se admite o erro, pois isso significa defeito. Significa prejuízo. E em qualquer outro processo produtivo o erro é indesejável. Ainda assim, raciocinemos por um instante sobre o erro no mercado de trabalho. Para termos trabalhadores que não errem, eles precisam ter tido uma aprendizagem bem construída e bastante coerente. E onde isso acontece? É na escola. E ela deve ser um ambiente onde eles possam errar.

A escola é o lugar de errar. É o espaço que permite a simulação do processo produtivo a partir de um contexto pedagógico. Dessa forma, a escola não pode punir o erro da mesma forma que se faz lá fora, nos processos produtivos empresariais. A escola deve perceber que o erro faz parte do processo de aprendizagem. Se você tiver de fazer uma cirurgia, preferirá ser operado por um médico que já realizou 50 procedimentos semelhantes àquele a que você será submetido, sem ter tido um único erro, ou por um cirurgião que já tem mais de 1000 operações no currículo e cometeu alguns erros no início da carreira?

Eu não sei quanto a você, mas eu escolheria o segundo. A aprendizagem a partir do erro é melhor que a casuística. 📌